



(Des)caminhos dos clássicos abaixo dos trópicos: reflexões teóricas e novos resultados

(Mis)routes of the Classics Below the Tropics: Theoretical Reflections and new Findings

Fábio Frohwein de Salles Moniz

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
fabiofrohwein@letras.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0003-2364-0011>

Lucia Pestana da Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
lucia.pestana86@letras.ufrj.br

<https://orcid.org/0009-0006-1014-7315>

Resumo: Nosso objetivo, com este artigo, é traçar algumas reflexões teóricas acerca do estudo de difusão de autores/obras gregos(as) e latinos(as), que realizamos no âmbito do projeto de pesquisa “(Des)caminhos dos clássicos abaixo dos trópicos: produção e circulação de edições de obras clássicas no Brasil”, vinculado ao Núcleo de Estudos Clássicos da Fundação Biblioteca Nacional.¹ Além disso, exibiremos novos resultados aos quais chegamos por meio de documentação depositada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa, Portugal), examinada após a publicação de nossa nota de pesquisa inicial em *Classica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, em 2024. Este artigo, portanto, foi organizado essencialmente em duas partes: na primeira, apresentaremos, de forma propedêutica, a Teoria de Redes e Difusão de Franco Moretti, que constitui o núcleo central de nosso constructo teórico-metodológico, com base em *Graphs, Maps, Trees: Abstract Models for Literary History* (2005), além de esclarecermos as etapas previstas de nosso projeto de pesquisa e a documentação utilizada como fonte de informação primária; na segunda parte, exibiremos novos resultados de nosso trabalho de investigação apurados a partir dos requerimentos de envio de livros para localidades do Brasil, os quais não alcançamos examinar quando da elaboração da referida nota de pesquisa.

Palavras-chave: Difusão dos clássicos no Brasil; Real Mesa Censória; Censura portuguesa.

¹ O grupo encontra-se vinculado à Fundação Biblioteca Nacional e registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq (Cf. CNPq, 2025).



Abstract: The aim of this article is to offer some theoretical reflections on the study of the diffusion of Greek and Latin authors and works, which we have been conducting within the research project “(Mis)routes of the Classics below the Tropics: Production and Circulation of Editions of Classical Works in Brazil,” affiliated with the Classical Studies Center of the Brazilian National Library Foundation. In addition, we present new findings derived from documentation held at the Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisbon, Portugal), which we examined following the publication of our initial research note in *Classica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos* in 2024. This article is therefore organized into two main parts: in the first, we introduce, in a propaedeutic manner, Franco Moretti’s Theory of Networks and Diffusion – which forms the central core of our theoretical-methodological framework – based on *Graphs, Maps, Trees: Abstract Models for Literary History* (2005). We also explain the planned stages of our research project and describe the documentation used as primary source material; in the second part, we present new results from our investigation, drawn from book shipment requests to various locations in Brazil – documents we had not been able to examine during the preparation of the aforementioned research note.

Keywords: Diffusion of the Classics in Brazil; Real Mesa Censória; Portuguese censorship.

1 Introdução²

A Teoria de Redes e Difusão, desenvolvida por Franco Moretti em *Graphs, Maps, Trees: Abstract Models for Literary History* (2005), insere-se no campo mais amplo dos estudos literários, particularmente no movimento contemporâneo conhecido como Humanidades Digitais, situando-se em diálogo e em reação às abordagens anteriores da crítica literária. Sua proposta, inovadora e ao mesmo tempo controversa, surge em meio a um contexto histórico no qual os estudos literários tradicionais – marcados pela análise de pequenos cânones, leituras fechadas (*close reading*) e interpretações centradas na subjetividade e originalidade do crítico – começam a sofrer questionamentos diante do avanço das tecnologias digitais e da necessidade de compreensão de grandes *corpora* literários.

² Agradecemos as gentis e importantes sugestões ao parecerista anônimo desta revista, que contribuíram para o aperfeiçoamento de nosso texto.



Historicamente, os estudos literários passaram por sucessivas correntes metodológicas que priorizavam diferentes abordagens sobre o texto literário:

1. Formalismo e Estruturalismo (início a meados do séc. XX): concentração na forma textual, no isolamento do objeto literário, buscando estruturas e padrões internos aos textos;
2. Teorias Pós-estruturalistas e Desconstrucionistas (década de 1960-80): ênfase na instabilidade textual, na multiplicidade de sentidos e no papel ativo do leitor na construção de significados;
3. Teorias da Recepção e História Cultural (anos 1980-2000): voltam-se para as práticas sociais de leitura e para a história cultural dos textos literários, atentando para a contextualização histórica e social da recepção literária.

É nesse contexto crítico diversificado, com influências variadas de métodos literários tradicionais e mais recentes abordagens socioculturais, que se situa a entrada de Franco Moretti e sua metodologia analítica baseada em redes e difusão literária. Moretti introduz sua abordagem mais emblemática em *Graphs, Maps, Trees: Abstract Models for Literary History* (2005) e a amplia em *Distant Reading* (2013). Em oposição explícita ao *close reading*, ele propõe o conceito de *distant reading*,³ que defende uma perspectiva macroscópica da literatura, possibilitada pela utilização de ferramentas computacionais para examinar milhares de textos simultaneamente.

³ Segundo Moretti, *close reading* é uma prática crítica centrada na leitura atenta e detalhada de obras literárias singulares. Seu foco está na singularidade estética e na especificidade linguística de cada texto – em particular, na análise do valor e da função de palavras e frases específicas. Essa abordagem, predominante na história literária tradicional, trata os textos como objetos únicos e excepcionais, o que limita sua capacidade de oferecer uma visão mais ampla ou sistemática do campo literário como um todo. Moretti propõe que, embora tenha valor, o *close reading* é metodologicamente insuficiente para compreender fenômenos literários em grande escala, como o desenvolvimento de gêneros, ciclos históricos e tendências editoriais. Por isso ele propõe o *distant reading*, uma abordagem baseada em modelos abstratos e métodos quantitativos que, mesmo afastando-se do texto individual, permitem revelar padrões ocultos e estruturas sistêmicas da literatura como campo histórico e social.



Nessa abordagem, duas estratégias são particularmente importantes: 1) Redes – a teoria de redes literárias refere-se ao uso de modelos derivados da teoria dos gráficos e das ciências sociais, visando mapear e visualizar as conexões entre autores, gêneros, textos, personagens ou temas dentro de grandes conjuntos literários. Moretti analisa, por exemplo, como certas obras ocupam posições centrais ou periféricas em redes literárias específicas, identificando pontos nodais que representam influência, poder simbólico ou circulação cultural; 2) Difusão literária – a perspectiva de difusão examina como determinadas formas, temas e gêneros literários surgem, circulam e eventualmente desaparecem em diferentes contextos culturais e geográficos, usando modelos quantitativos que rastreiam padrões temporais e espaciais de disseminação literária. Para Moretti, o processo de difusão frequentemente revela dinâmicas sociais, políticas e econômicas mais amplas, demonstrando como elementos literários se difundem devido a mecanismos específicos (imitação, adaptação ou dominação cultural).

A inovação crítica dessa metodologia reside precisamente na complementação das análises qualitativas intensivas, que predominavam anteriormente com um tratamento quantitativo-extensivo. Ao adotar instrumentos científicos e matemáticos (estatística, visualização de dados, teoria dos gráficos), Moretti sugere que aspectos da história literária que permaneciam invisíveis pela crítica convencional se tornam evidentes. Essa proposta se liga ao crescente campo das Humanidades Digitais que emerge especialmente no séc. XXI, inserindo as análises literárias em diálogo com disciplinas tradicionalmente alheias à literatura – como ciência da computação, sociologia quantitativa e economia – e produzindo, com isso, novas possibilidades interpretativas. Contudo, a Teoria de Redes e Difusão também gerou intenso debate. Críticos apontam que seu caráter quantitativo pode ser reducionista, obscurecendo a singularidade estética e ética das obras literárias individuais. Defensores da leitura essencialista argumentam que a compreensão literária genuína depende fundamentalmente do aprofundamento crítico qualitativo e hermenêutico, o que não seria alcançado por métodos quantitativos ou distantes.

Em nosso entender, a metodologia proposta por Moretti mostra-se como uma importante ferramenta para complementar, não substituir, as



leituras essencialistas comumente realizadas pelos pesquisadores do campo dos Estudos de Recepção, uma vez que, à luz da Teoria de Redes e Difusão, uma série de aspectos de uma obra também ficaria invisibilizada. Dessa forma, salientamos que este artigo não pretende apresentar tal teoria como ferramenta de pesquisa definitiva, tampouco como superação de correntes de estudo anteriores, como a História Cultural e a História da Cultura Escrita, que certamente já haviam aberto caminhos fundamentais para a reflexão sobre produção, circulação e recepção de textos. O espaço concedido à exposição da proposta de Moretti justifica-se pelo nosso objetivo específico de difundir entre os pesquisadores brasileiros da área de Estudos de Recepção Clássica uma teoria ainda pouco conhecida ou aplicada em nosso meio acadêmico. Assim, a abordagem aqui apresentada busca, sobretudo, introduzir e contextualizar essa metodologia, de modo a ampliar o leque de recursos disponíveis, em diálogo com tradições consolidadas de pesquisa.

2 Parte I

2.1 Complementando o foco canônico e excepcional: uma mudança de paradigma na recepção clássica

Uma das principais contribuições da metodologia de Franco Moretti está em seu esforço deliberado para deslocar o olhar da crítica e da historiografia literária do campo do excepcional – isto é, da obra-prima, do autor consagrado, do momento único – para o campo do ordinário, do recorrente e do sistemático. Essa inversão de perspectiva tem implicações importantes para os Estudos de Recepção Clássica, que historicamente também se concentraram na “recepção elevada” dos clássicos, a exemplo de reinterpretações filosóficas de Platão, apropriações poéticas de Horácio, versões dramatúrgicas de tragédias gregas por escritores prestigiados, entre outros.

No contexto brasileiro, por exemplo, a Recepção Clássica é frequentemente abordada a partir de intervenções de autores como Machado de Assis, que utiliza referências implícitas a autores antigos como Homero, Horácio e Cícero; Euclides da Cunha, cuja prosa é marcada por um éthos de erudição e analogias com figuras da Antiguidade; Alphonsus



de Guimaraens, influenciado por estruturas e temas do classicismo greco-romano – entre muitos outros prosadores e poetas. No entanto, esse recorte centrado no excepcional acaba por excluir uma imensa parcela da recepção real e cotidiana dos autores clássicos, especialmente entre leitores comuns, escolas, editoras populares e veículos de circulação ampla. A proposta de Moretti – inspirada por modelos quantitativos e sistêmicos, como os da historiografia dos *Annales* e da longa duração de Braudel – é um convite para observar essa “massa esquecida de fatos literários”: não o texto que sobrevive por sua genialidade, mas aqueles que, ao circular amplamente, moldaram o imaginário coletivo e os repertórios culturais de uma época.

Aplicada à Recepção dos Clássicos, essa mudança metodológica abre espaço para perguntas como: a) Quais traduções de obras gregas e latinas circularam em escolas no séc. XIX?; b) Que tipo de versões simplificadas de autores gregos e latinos apareciam em manuais escolares ou antologias didáticas?; c) Como autores não canonizados utilizaram referências clássicas em folhetins, poesia de ocasião, literatura parnasiana ou ensaios jornalísticos? Esse tipo de investigação permite reconstruir uma história mais social da Recepção dos Clássicos, que contempla não apenas as elites intelectuais, mas também os professores das escolas, os estudantes, os jornalistas, os tradutores pouco conhecidos – todos eles também agentes da recepção, mesmo que à margem do cânone crítico tradicional.

Além disso, essa abordagem favorece a identificação de modos não tradicionais de recepção: traduções indiretas (via idiomas modernos, por exemplo), paráfrases moralizantes, adaptações religiosas, referências esparsas em textos jurídicos ou científicos, entre outros. Ou seja, a teoria de Moretti contribui para expandir o conceito de Recepção Clássica, permitindo que vejamos a Antiguidade não apenas como herança de um grupo ilustrado, mas como elemento presente em diferentes camadas da cultura brasileira.

A ênfase no coletivo, na recorrência e no padrão, em lugar do brilho da exceção, permite evitar um viés teleológico: ao invés de supor que a Recepção dos Clássicos foi sempre progressiva ou refinada, essa abordagem mostra os avanços, retrocessos, esquecimentos e ressurgências que marcam a circulação de autores antigos. Assim, a proposta de Moretti auxilia os Estudos de Recepção Clássica a romper com a ideia de que o



valor está apenas no “alto” da cultura e a reconhecer que o impacto da tradição clássica só pode ser plenamente compreendido quando se inclui sua dimensão difusa, repetitiva e popular, tão frequentemente negligenciada.

2.2 Aplicação da metodologia à realidade brasileira: fontes, ferramentas e potencial de análise

A aplicação da metodologia proposta por Franco Moretti ao contexto brasileiro – especialmente ao estudo da difusão de autores gregos e latinos – exige um esforço interdisciplinar que combine história do livro, bibliografia, estatística cultural e crítica literária. Trata-se, fundamentalmente, de aplicar à realidade local os princípios de abstração, quantificação e modelização⁴ que Moretti utiliza para mapear padrões literários em larga escala. No caso dos Estudos de Recepção Clássica no Brasil, isso significa investigar não apenas quem leu os clássicos, mas quando, onde, em que formato, com que frequência e para qual finalidade. Essa proposta ganha ainda mais

⁴ A abstração em Moretti refere-se à redução deliberada da complexidade textual para permitir a identificação de padrões amplos no campo literário. Ao invés de se debruçar sobre a riqueza interpretativa de obras específicas (como faz o *close reading*), Moretti propõe um afastamento intencional da obra individual em direção aos modelos que captam formas, relações e estruturas. A quantificação, por sua vez, é o uso de dados numéricos (como número de publicações, gêneros, autores por ano etc) para identificar tendências históricas, ciclos, rupturas e continuidades na produção literária. Trata-se de uma tentativa de transformar a história literária em uma disciplina mais empírica e comparável à história social ou às ciências naturais. Ao adotar essa abordagem, Moretti inspira-se em historiadores como Fernand Braudel, propondo que a literatura deve ser estudada como sistema coletivo, e não como mera soma de casos isolados. Assim, gráficos (como os que mostram a ascensão e queda do romance em diversos países) tornam-se instrumentos centrais para visualizar transformações de longa duração. A modelização consiste na construção de representações formais (modelos) para descrever a estrutura da história literária. Moretti emprega três tipos principais de modelos: Gráficos (*graphs*), para representar séries temporais e padrões quantitativos; Mapas (*maps*), para localizar espacialmente fenômenos literários e relações geográficas; Árvores (*trees*), inspiradas na biologia evolutiva, para modelar a divergência e transformação de formas literárias ao longo do tempo. Esses modelos funcionam como instrumentos heurísticos que permitem visualizar relações e propor hipóteses, mesmo que não ofereçam interpretações conclusivas por si mesmos. A modelização, nesse sentido, é uma prática teórica e visual que amplia o escopo da crítica literária, deslocando-a da exegese para a análise de sistemas.



força num país como o Brasil: onde a formação cultural moderna esteve profundamente vinculada à educação clássica, mas cuja recepção efetiva dos textos greco-romanos foi profundamente desigual e marcada por recortes de classe, região, gênero e raça.

Para implementar essa metodologia, há um vasto conjunto de fontes que pode ser explorado:

- Catálogos da Biblioteca Nacional: permitem rastrear edições de autores gregos e latinos publicadas ou traduzidas no Brasil desde o séc. XIX. Exemplo: quantas edições de *Eneida* foram publicadas entre 1880 e 1930? De que editoras? Em que cidades?;
- Livros didáticos e manuais escolares: particularmente aqueles utilizados em colégios do Império e da Primeira República. Esses revelam a forma como autores como Cícero, Virgílio ou Homero eram apresentados a jovens leitores, se de maneira mais filológica, moralizante ou instrumental;
- Anuários escolares e relatórios ministeriais: como os dos Liceus, Ginásios, Escolas Normais e faculdades de letras, que muitas vezes listam bibliografias recomendadas e disciplinas ofertadas, permitindo reconstruir a presença dos clássicos no currículo;
- Periódicos, almanaques e revistas literárias: fontes mais acessíveis ao público geral e que muitas vezes incluem traduções, citações, crônicas ou sátiras com referências à Antiguidade;
- Traduções e adaptações publicadas por editoras populares, como a Garnier, Francisco Alves e outras, que atuaram em São Paulo, Rio de Janeiro e Recife entre os séculos XIX e XX;
- Documentação da censura de produção e circulação de livros no Brasil: por exemplo, requerimentos de envios de livros para o Brasil, pareceres censórios de impressão de livros, além de outros conjuntos documentais integrantes do Fundo Real Mesa Censória, depositado no Arquivo Nacional Torre do Tombo (Portugal), dos quais trataremos mais adiante, quando abordarmos as fontes primárias até agora investigadas.

Em geral, essas fontes permitem a criação de séries cronológicas e geográficas, com dados como:

- Quantidade de publicações por década de um autor grego ou latino;



- Regiões brasileiras com maior produção ou recepção;
- Principais tradutores, suas orientações ideológicas e linguísticas;
- Frequência com que autores clássicos aparecem nos currículos escolares;
- Circulação e recepção de textos clássicos em bibliotecas públicas e escolares.

Com os dados sistematizados, a metodologia morettiana propõe o uso de representações visuais – gráficos, linhas temporais, mapas, árvores de gêneros ou traduções – para identificar padrões de difusão, momentos de expansão e retração, ciclos de interesse ou obsolescência. Por exemplo, um gráfico pode mostrar o *boom* de traduções de autores latinos entre 1920 e 1940, período de nacionalismo cultural e valorização do ensino clássico; um mapa pode evidenciar que quase todas as publicações de clássicos se concentraram no eixo Rio–São Paulo, excluindo regiões as Norte e Centro-Oeste; uma árvore pode ilustrar como adaptações escolares de autores antigos derivaram em diversos gêneros: versões infantis, compêndios de retórica, manuais religiosos. Esses modelos permitem ver a recepção como um sistema de fluxos, não como eventos isolados. Além disso, ajudam a perceber descontinuidades, silêncios e lacunas: por exemplo, o súbito desaparecimento de traduções de autores trágicos após 1960, ou a ausência sistemática de autoras latinas (mesmo as poucas existentes, como Sulpícia) nos programas escolares.

A grande vantagem dessa aplicação metodológica está em oferecer aos Estudos de Recepção Clássica no Brasil uma base empírica robusta e comparável, em relação a outros países, outras línguas, outras épocas. Em vez de depender exclusivamente da análise de textos canônicos, a recepção passa a ser vista como processo histórico de circulação, mediação, transformação e desaparecimento. Essa abordagem pode, por exemplo, revelar a relação entre mudanças políticas e interesse pelos clássicos (como a queda do ensino de latim após reformas educacionais); mapear o impacto da tradução indireta via francês, especialmente no séc. XIX, e como isso influenciou a forma de ler os clássicos no Brasil; identificar o perfil sociocultural dos mediadores da tradição clássica: padres, professores, tradutores, jornalistas; entender os clássicos como instrumentos de distinção social em certos períodos e como símbolos de obsolescência em outros.



2.3 Integração com os estudos de recepção clássica: perspectivas ampliadas sobre a herança greco-romana

A proposta metodológica de Franco Moretti pode ser vista não apenas como uma ferramenta técnica, mas como uma provocação epistemológica que questiona os próprios fundamentos do modo como concebemos e praticamos a história literária, inclusive a história da recepção da Antiguidade. Nesse sentido, integrá-la aos Estudos de Recepção Clássica significa expandir significativamente as possibilidades analíticas dessa disciplina, superando abordagens exclusivamente filológicas, autorais ou estetizantes, e abrindo espaço para leituras mais sociológicas, materiais e estruturais da presença dos clássicos em contextos modernos e contemporâneos.

Tradicionalmente, os Estudos de Recepção Clássica concentraram-se na influência direta de textos e autores gregos e latinos sobre escritores modernos: por exemplo, a leitura de Virgílio por Camões, de Homero por Joyce, de Sófocles por Yourcenar, entre outros. Esse modelo, embora produtivo, tem limitações claras: a) Supõe um diálogo intelectual direto entre “autor A” da Antiguidade e “autor B” moderno; b) Ignora os mediadores culturais (editores, tradutores, professores, censores, livreiros); c) Minimiza os efeitos do suporte material (edição, circulação, linguagem) sobre o conteúdo simbólico da recepção; d) Cria uma ilusão de continuidade e linearidade histórica. A metodologia de Moretti – com sua atenção ao coletivo, ao impessoal, ao serial e ao sistêmico – permite romper com essa lógica de “influência autoral” e pensar a recepção como processo histórico complexo, atravessado por múltiplas camadas: econômicas, institucionais, estéticas, pedagógicas e editoriais.

A integração com a abordagem de Moretti permite compreender as obras gregas e latinas não apenas como “fontes” ou “matrizes de conteúdo”, mas como bens culturais que circulam em mercados simbólicos, disputando espaço com outras formas discursivas. Esse olhar se alinha com perspectivas dos estudos culturais e da sociologia da literatura, ao entender que: a) A presença ou ausência de um autor antigo em determinado momento reflete decisões editoriais, pressões ideológicas, políticas educacionais e demandas do público leitor; b) A recepção é instável, cíclica e descontínua, como demonstrado pelas “ondas” e “quedas” observadas nos gráficos de publicação analisados



por Moretti; c) Os clássicos são reinventados continuamente conforme o horizonte de expectativa de novas gerações de leitores – o que se articula diretamente com conceitos centrais da recepção, como os de tradução cultural, hibridismo e transposição. Assim, a Recepção Clássica – quando analisada a partir de dados agregados e séries temporais – passa a ser vista como uma sucessão de reconfigurações contextuais e não como uma linha de transmissão direta e contínua.

Ademais, uma das contribuições mais valiosas da proposta de Moretti para os Estudos de Recepção Clássica é a capacidade de tornar visíveis formas de recepção marginalizadas ou esquecidas. Em vez de limitar a análise às grandes reescrituras ou às traduções literárias consagradas, a perspectiva sistêmica permite identificar: a) Traduções “menores”, muitas vezes feitas por autodidatas, professores ou clérigos e publicadas por editoras regionais; b) Versões escolares, adaptadas para a memorização de sentenças morais (como coletâneas de máximas latinas); c) Presença de autores gregos e latinos em discursos políticos, crônicas jornalísticas, publicidade ou *slogans* escolares; d) Apropriações populares, paródicas ou ideológicas de personagens antigos em contextos inesperados – como figuras mitológicas em samba-enredo, charges ou literatura de cordel. Esses materiais, muitas vezes ignorados pela crítica tradicional, passam a ser compreendidos como componentes legítimos da recepção – o que se alinha diretamente ao caráter democrático e inclusivo da metodologia morettiana.

Por fim, a integração dessa metodologia quantitativa e sistêmica fortalece os Estudos de Recepção Clássica em vários aspectos teóricos: a) Conceito de recepção como mediação, este modelo reforça a ideia de que a recepção não é espelhamento, mas transformação, filtrada por contextos sociais e tecnológicos; b) Historicidade da recepção: mostra que as obras gregas e latinas não são atemporais, mas sujeitas a modas, rupturas, esquecimentos e reconfigurações; c) Descentramento da autoridade do texto original: o foco passa a ser o uso, o contexto e o efeito, e não apenas a fidelidade filológica; d) Inserção dos Estudos de Recepção Clássica na história cultural: ao empregar séries históricas, mapas de circulação e padrões editoriais, os Estudos de Recepção ganham novas ferramentas para dialogar com campos como a história da leitura, os estudos da tradução e a sociologia do conhecimento.



2.4 Novas perspectivas críticas: repensando narrativas, hierarquias e ausências na recepção dos clássicos

A proposta de Moretti, ao introduzir métodos quantitativos e modelos abstratos no campo da história literária, não apenas amplia os dados disponíveis para análise, mas transforma profundamente o tipo de perguntas que podem (e devem) fazer. Aplicada aos Estudos de Recepção Clássica, essa abordagem opera como um dispositivo de crítica interna, desafiando suposições consolidadas, revelando zonas de silêncio e tornando visível o que, até então, era invisibilizado pelas lentes tradicionais da crítica literária e historiográfica.

Um dos efeitos mais importantes dessa perspectiva é a possibilidade de desconstruir a ideia de que os clássicos estão sempre presentes, ininterruptamente e com o mesmo prestígio cultural. A análise de séries temporais e ciclos de publicação, como faz Moretti com o romance inglês, pode mostrar que a recepção dos autores gregos e latinos é, na verdade, descontínua, instável e dependente de contextos sociais e políticos específicos. Por exemplo, pode-se observar que autores como Sófocles ou Píndaro tiveram pouca ou nenhuma circulação no Brasil por décadas, ao contrário de outros como Virgílio ou Cícero; ou que a publicação de traduções da *Iliada* pode ter conhecido um auge nos anos 1930 e depois ter decaído drasticamente nas décadas seguintes; ou ainda que a leitura de autores clássicos pode ter permanecido viva em espaços escolares e religiosos, enquanto foi gradualmente excluída do circuito editorial de massa. Tais constatações desafiam a narrativa de uma herança contínua e homogênea da Antiguidade, mostrando que a presença dos clássicos é historicamente condicionada e, muitas vezes, frágil.

Outro ponto crítico que esta metodologia torna visível é o viés elitista presente em muitas histórias literárias, inclusive nas de Recepção Clássica. Ao enfatizar apenas grandes autores ou momentos de prestígio cultural (como a “redescoberta” dos clássicos por escritores modernistas), tende-se a ignorar a recepção popular e escolar, muitas vezes desvinculada da erudição; as adaptações simplificadas ou moralizantes; os usos ideológicos, religiosos ou patrióticos dos textos antigos. A Teoria de Redes e Difusão, ao considerar todos os dados relevantes, inclusive os “banalizados”, “inferiores”, “epigonais”, permite



reconhecer a complexidade e a diversidade real da recepção, abrindo espaço para formas de apropriação que antes seriam desconsideradas ou rejeitadas como “menores”. Isso implica uma crítica à própria noção de “fidelidade” ao original, tão cara à tradição filológica, e uma valorização de formas translacionais, híbridas e criativas de recepção, mais comuns nos contextos locais e periféricos como o brasileiro.

Uma das grandes contribuições do pensamento de Moretti está na ênfase naquilo que não está presente: os vazios nos gráficos, os apagamentos nas séries, os ciclos que não se completam. Em vez de ver as ausências como falhas ou lacunas a serem preenchidas, ele propõe que as ausências também dizem algo – e, às vezes, dizem muito. No contexto da Recepção Clássica no Brasil, esse enfoque pode levar a perguntas críticas fundamentais, como: Por que quase não houve traduções de autoras da Antiguidade, como Safo, durante o séc. XX?; Por que a recepção da tragédia grega, tão central em outros contextos, foi tão marginal entre nós?; Por que determinadas regiões do país ou segmentos da sociedade nunca tiveram acesso efetivo à tradição clássica, apesar do discurso oficial sobre sua importância? Essas perguntas permitem reformular a história da recepção como uma história de escolhas e exclusões, e não apenas de transmissões inevitáveis.

Ademais, a abordagem de Moretti tem potencial de criar novos objetos de investigação, que escapam aos filtros tradicionais dos Estudos Clássicos, a exemplo da história da edição e reedição de traduções escolares (como os manuais de latim usados até os anos 1950); da análise da presença de figuras clássicas em provas escolares e concursos públicos; do estudo da circulação de temas clássicos em gêneros de massa, como literatura infantojuvenil, radionovelas, quadrinhos e mesmo memes digitais. Esses objetos não apenas ampliam o escopo dos Estudos de Recepção Clássica, mas também permitem que ele se articule com campos como os Estudos da Cultura Popular, os Estudos da Educação e os Estudos de Mídia. Ao passo que essa expansão crítica obriga os pesquisadores a formular novas hipóteses: sobre as razões sociais e históricas da sobrevivência de determinados autores, sobre a relação entre Recepção Clássica e identidade nacional, ou sobre o papel dos clássicos em diferentes regimes de saber e poder.



2.5 Nosso projeto de pesquisa, documentação utilizada, sua História e Metodologia de trabalho

Nosso projeto de pesquisa estrutura-se em duas grandes etapas: Na primeira – em curso desde o segundo semestre de 2023 –, investigamos apenas quais autores gregos e latinos, com suas respectivas obras, se difundiram em território brasileiro a partir do envio de livros por pessoas situadas em Portugal. Na segunda etapa, passaremos a analisar as edições de obras clássicas já impressas no Brasil,⁵ sem deixar de lado aquelas que ainda eram enviadas de Portugal. Quanto à primeira etapa, utilizamos como fonte primária, no momento, o Fundo Real Mesa Censória, depositado no Arquivo Nacional Torre do Tombo (Lisboa, Portugal).

A Real Mesa Censória (RMC) foi uma instituição portuguesa criada em 1768, sob o reinado de D. José I (r. 1750-1777), para fiscalizar a publicação e a circulação de obras em todo o território governado pela Coroa portuguesa. Posteriormente, também passou a ser de sua responsabilidade, aprovar ou reprovar a circulação de livros em território português, assim como controlar, por meio de requerimentos, a saída e a entrada deles no país. A necessidade de se criar uma instância voltada para a censura estava ligada à ideia de manutenção da ordem no reino, que mantivesse – entre outras questões averiguadas por Graça Almeida Rodrigues (1980)⁶ – o zelo pela religião e pelo bem público da pátria, pois, segundo seus idealizadores, existiam obras capazes de corromper a organização do país. O fundo arquivístico produzido ao longo das atividades da RMC foi incorporado, em 1841, ao Arquivo Nacional Torre do Tombo, uma das mais antigas organizações documentárias do patrimônio lusófono, e apresenta as seguintes seções ou séries: 1)

⁵ Nosso ponto de partida será a edição de Fedro que saiu pela tipografia de Manoel Antônio Silva Serva em 1812, a primeira edição de obra clássica impressa no Brasil.

⁶ Após o trabalho seminal da profa. Graça Almeida Rodrigues, a censura em Portugal, em especial a RMC e seu fundo depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo alimentaram o interesse de vários estudiosos portugueses e brasileiros, a exemplo de: Martins (2001), Abecasis (2009), Abreu (2003), Vianna (2019) e Villalta (1999). Nosso projeto de pesquisa, no entanto, é o primeiro estudo sobre a documentação da RMC sob o enfoque da difusão de autores gregos e latinos no Brasil colonial.



Administração Geral e Expediente (1768/1831), 2) Secretaria da Censura (1641/1848) e 3) Administração dos Estudos Menores (1778/1818).

Desde a criação da RMC até a Independência do Brasil, livros enviados de Portugal para a colônia brasileira deveriam passar pela fiscalização da censura daquela instituição. O primeiro procedimento a ser feito por quem desejasse enviar livros para o Brasil era submeter um requerimento à RMC, fornecendo informações como localidade, motivo e lista de livros a serem remetidos. Esses requerimentos, que exploramos completamente para a elaboração deste artigo, eram redigidos por editores, impressores e livreiros que queriam comercializar livros ou por pessoas que pretendiam viajar para o Brasil, transportando seus livros e até bibliotecas inteiras. Tal expediente de controle gerou uma grande quantidade de documentos que nos permite hoje ter alguma noção da circulação de livros durante o período e, em nosso caso, da difusão de autores gregos e latinos. Além dos requerimentos, o fundo da RMC integra outros documentos importantes para nosso projeto de pesquisa como: processos de censura; obras examinadas pela Mesa; licenças, avisos, ordens e provisões; registro dos censores e obras que lhes cabia examinar; registro de livros entregues ao secretário para serem revistos; registro das bulas pontificias proibindo livros e breves de licença de posse; e um conjunto de genealogias manuscritas.

Vale salientar que parte desses requerimentos se encontram digitalizados no site do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e abrange os livros enviados para o Rio de Janeiro, Bahia, Pará, Maranhão e Pernambuco. Em nossa nota de pesquisa inicial, publicada em 2024, trabalhamos apenas com esses itens documentais, mas, com este artigo, completamos nosso estudo com o exame dos requerimentos de livros enviados para Ceará, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraíba, Piauí, Rio Grande e São Paulo, que não se encontram ainda disponíveis para pesquisa remota. Muito embora essas fontes de informação nos situem quanto aos autores/obras gregos(as) e latinos(as) difundidos(as) no Brasil somente durante o período de atuação da RMC, o referido fundo inclui ainda catálogos de bibliotecas particulares, que deveriam ser entregues à RMC para inspeção pelas autoridades censórias, devido ao decreto do Marquês de Pombal de 1769. Essa documentação, complementar aos



requerimentos, possibilitar-nos-á apurar futuramente quais livros já se encontravam em circulação no Brasil antes de a RMC começar a atuar e nos proporcionar uma visão mais abrangente de autores/obras gregos(as) e latinos(as) difundidos(as) no Período Colonial brasileiro.

Com relação à metodologia de utilização das fontes documentais, nosso primeiro procedimento é identificar os requerimentos que contêm nomes de autores e/ou títulos de obras gregas e latinas. Uma vez localizados esses dados num determinado requerimento, os classificamos como positivos para nossa pesquisa e passamos a estruturar, em tabelas de *Excel*, as seguintes informações:

1. **Requerimento:** código de controle interno nosso, atribuído pela equipe, levando-se em consideração o conjunto documental da localidade, *e.g.*, Rio de Janeiro, Bahia etc;
2. **Imagens:** rótulos de todas as imagens que correspondem a um determinado requerimento no *site* do Arquivo Nacional da Torre do Tombo;
3. **Autores clássicos:** presença ou ausência de nomes de autores gregos e latinos;
4. **Requerente:** nome do autor do requerimento tal como se encontra grafado no documento;
5. **Data:** dia, mês e ano do requerimento tanto positivo quanto negativo;
6. **Autores requeridos:** nomes dos autores clássicos solicitados no requerimento, padronizados para facilitar a pesquisa e localização da informação;
7. **Transcrição:** transcrição dos dados tal como se encontram grafados no requerimento, abrangendo, a depender do documento, título de obras,⁷ local e ano de impressão do livro, características físicas suas, quantidade de itens etc;
8. **Link:** URL de acesso às informações do conjunto documental em que se encontra o requerimento no *site* do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

⁷ Poucos requerimentos trazem títulos de obras. Não trataremos de resultados relativos a títulos de obras neste artigo, mas pretendemos abordar esse tema em outra publicação.



No *layout* final da tabela, os requerimentos positivos ficam em verde, e os negativos em vermelho.

Imagem 1: exemplo de tabela de *Excel* contendo dados extraídos da documentação.

Requerimento	Imagens	Autores Clássicos	Requerente	Data	Autores Requeridos	Transcrição	Link
RJ 087 001	PT-TT-RMC-J	não		10 Dec 1769			
RJ 087 002	PT-TT-RMC-J	não		20 Dec 1769			
RJ 087 003	PT-TT-RMC-J	sim	Theotônio Sedron - lista		Cícero	Epístulas de Cícero	arq.arquivos.pt/viewer?ic
RJ 087 004	PT-TT-RMC-B-F-10-087 m0017.TIF, PT-TT-RMC-B-F-10-087 m0018.TIF						
RJ 087 005	PT-TT-RMC-J	não		02 Mar 1769			
RJ 087 006	PT-TT-RMC-J	não		12 Jan 1775			
RJ 087 007	PT-TT-RMC-J	não		30 Oct 1775			
RJ 087 008	PT-TT-RMC-J	não		30 May 1776			
RJ 087 009	PT-TT-RMC-J	não		29 Jul 1790			
RJ 087 010	PT-TT-RMC-J	não		09 Nov 1795			
RJ 087 011	PT-TT-RMC-J	não		13 Oct 1795			
RJ 087 012	PT-TT-RMC-J	sim	Bertrand e filhos	16 Nov 1795	Euclides	tos de Geometria 8. Lisboa 1791	

Fonte: acervo dos autores

3 Parte II

Uma vez apresentadas a Teoria de Redes e Difusão, a documentação e a metodologia adotada para o trabalho com os requerimentos de envio de livros para Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro, Paraíba, Piauí, Rio Grande e São Paulo, passaremos a divulgar os resultados completos apurados a partir desses documentos. No entanto, tendo em vista que consideramos esses estados a partir de uma primeira busca ainda na base de dados *online* da Torre do Tombo, após a análise presencial dos requerimentos que restavam, observamos que alguns deles apresentavam o nome do lugar de envio mais específico, como: “Santos” e “Ouvidor de Pernaguá”, incluído no estado de São Paulo; “Capitania de Gorjas”, incluído no estado de Goiás; “Mariana”, “Capitania do Modesto” e “Vila Real de Sabará”, incluídos no estado de Minas Gerais. Além desses, acrescentamos, como documento adicional, o requerimento de envio para a “Capitania Rio Negro”, que corresponde atualmente a Amazonas ou Roraima. Por fim, uma quantidade considerável de requerimentos de envio de livros para o Brasil não apresentava os lugares específicos a que se destinavam, informando apenas como destino “Brasil”. Esses foram contabilizados no total de documentos e apresentados individualmente no grupo “Lugares não especificados”. Salientamos que, no estado atual da



pesquisa, procedemos apenas à coleta de informações a partir da referida documentação, sem qualquer preocupação com análises e interpretações do conteúdo documental, uma vez que será necessário ainda submeter todos esses dados à aplicação da Teoria de Redes e Difusão, amparada por informações sócio-histórico-culturais do período em questão, o que ficará reservado para próximas etapas da pesquisa.

TOTAL GERAL DOS REQUERIMENTOS

Datas-limite da documentação: 20 fev. 1769 – 23 dez. 1826.

2.304 requerimentos no total.

630 requerimentos positivos (27,34%).⁸

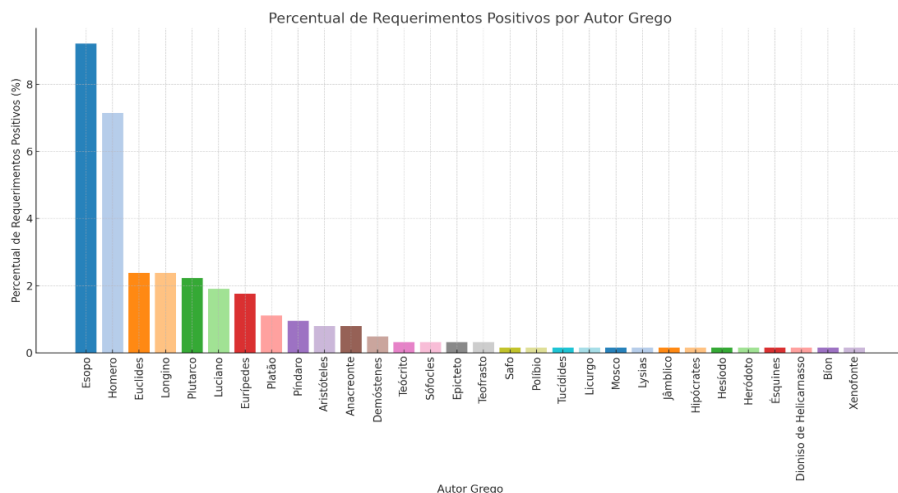
155 requerimentos contendo nomes de autores gregos (24,60%):⁹ Anacreonte (5 = 0,79%), Aristóteles (5 = 0,79%), Bión (1 = 0,16%), Demóstenes (3 = 0,48%), Dioniso de Helicarnasso (1 = 0,16%), Epicteto (2 = 0,32%), Esopo (58 = 9,21%), Ésquines (1 = 0,16%), Euclides (15 = 2,38%), Eurípedes (11 = 1,75%), Heródoto (1 = 0,16%), Hesíodo (1 = 0,16%), Hipócrates (1 = 0,16%), Homero (45 = 7,14%), Jâmblico (1 = 0,16%), Licurgo (1 = 0,16%), Longino (15 = 2,38%), Luciano (12 = 1,90%), Lysias (1 = 0,16%), Mosco (1 = 0,16%), Píndaro (6 = 0,95%), Platão (7 = 1,11%), Plutarco (14 = 2,22%), Políbio (1 = 0,16%), Safo (1 = 0,16%), Sófocles (2 = 0,32%), Teócrito (2 = 0,32%), Teofrasto (2 = 0,32%), Tucídides (1 = 0,16%), Xenofonte (1 = 0,16%).¹⁰

⁸ O percentual de requerimentos positivos foi calculado com base no total de requerimentos.

⁹ O percentual de requerimentos contendo nomes de autores gregos foi calculado com base no total de “requerimentos positivos”.

¹⁰ O percentual de cada autor grego foi calculado com base no total de “requerimentos positivos”. Neste momento, não nos interessa a quantidade de vezes que os nomes dos autores são mencionados, mas a quantidade de requerimentos em que ocorrem esses nomes.

Imagem 2: percentual de autores gregos em requerimentos positivos.



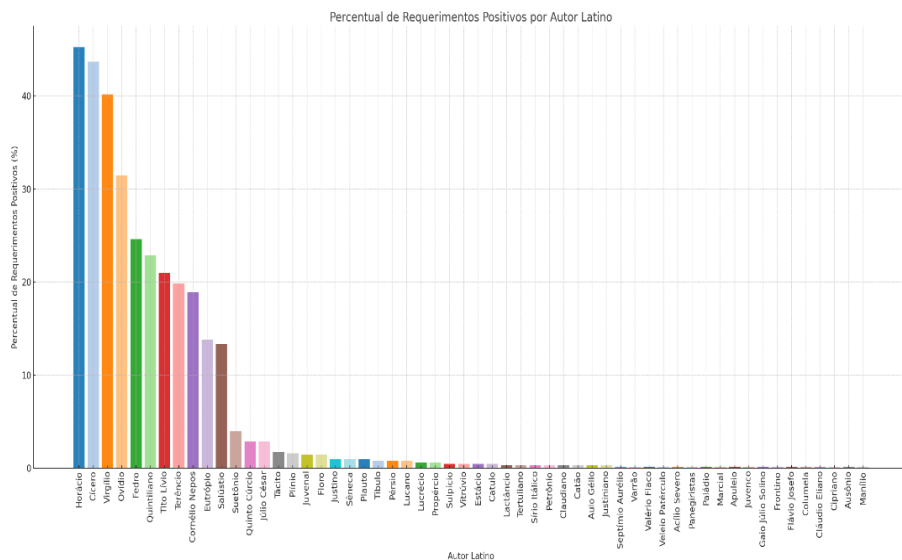
Fonte: acervo dos autores.

570 requerimentos contendo nomes de autores latinos (90,48%):¹¹ Acílio Severo (1 = 0,16%), Apuleio (1 = 0,16%), Aulo Gélcio (2 = 0,32%), Ausônio (1 = 0,16%), Catão (2 = 0,32%), Catulo (3 = 0,48%), Cícero (275 = 43,65%), Cipriano (1 = 0,16%), Claudiano (2 = 0,32%), Cláudio Eliano (1 = 0,16%), Columela (1 = 0,16%), Cornélio Nepos (119 = 18,89%), Estácio (3 = 0,48%), Eutrópio (87 = 13,81%), Fedro (155 = 24,60%), Flávio Josefo (1 = 0,16%), Floro (9 = 1,43%), Frontino (1 = 0,16%), Gaio Júlio Solino (1 = 0,16%), Horácio (285 = 45,24%), Júlio César (18 = 2,86%), Justiniano (2 = 0,32%), Justino (6 = 0,95%), Juvenal (9 = 1,43%), Juvenco (1 = 0,16%), Lactâncio (2 = 0,32%), Lucano (5 = 0,79%), Lucrécio (4 = 0,63%), Manílio (1 = 0,16%), Marcial (1 = 0,16%), Ovídio (198 = 31,43%), Paládio (1 = 0,16%), panegiristas (1 = 0,16%), Pérsio (5 = 0,79%), Petrônio (2 = 0,32%), Plauto (6 = 0,95%), Plínio (10 = 1,59%), Propércio (4 = 0,63%), Quintiliano (144 = 22,86%), Quinto Cúrcio (18 = 2,86%), Salústio (84 = 13,33%), Sêneca (6 = 0,95%), Septímio Aurélio (1 = 0,16%), Sírrio Itálico (2 = 0,32%), Suetônio (25

¹¹ O percentual de requerimentos contendo nomes de autores latinos foi calculado com base no total de “requerimentos positivos”.

= 3,97%), Sulpício (3 = 0,48%), Tácito (11 = 1,75%), Terêncio (125 = 19,84%), Tertuliano (2 = 0,32%), Tibulo (5 = 0,79%), Tito Lívio (132 = 20,95%), Varrão (1 = 0,16%), Valério Flaco (1 = 0,16%), Veleio Patérculo (1 = 0,16%), Virgílio (253 = 40,16%), Vitruvius (3 = 0,48%).¹²

Imagem 3: percentual de autores latinos em requerimentos positivos.



Fonte: acervo dos autores.

BAHIA

Datas-limite da documentação: 20 fev. 1769 – 18 jan. 1822.

559 requerimentos no total.

199 requerimentos positivos (35,59%).

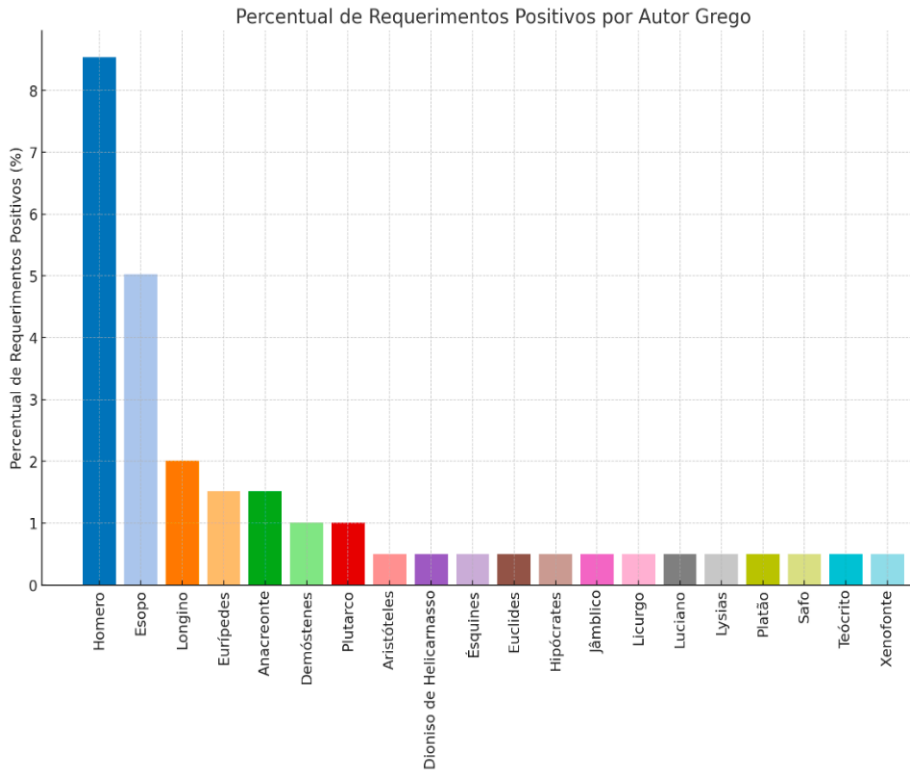
29 requerimentos contendo nomes de autores gregos (14%): Anacreonte (3 = 1,51%), Aristóteles (1 = 0,50%), Demóstenes (2 = 1,01%), Dioniso de Helicarnasso (1 = 0,50%), Esopo (10 = 5,03%), Ésquines (1 = 0,50%), Euclides (1 = 0,50%), Eurípedes (3 = 1,51%), Hipócrates (1 = 0,50%), Homero (17 = 8,54%), Jâmblico (1 = 0,50%), Licurgo (1 = 0,50%),

¹² O percentual de cada autor latino foi calculado com base no total de “requerimentos positivos”, pelas razões expostas na nota 11.



Longino (4 = 2,01%), Luciano (1 = 0,50%), Lysias (1 = 0,50%), Platão (1 = 0,50%), Plutarco (2 = 1,01%), Safo (1 = 0,50%), Teócrito (1 = 0,50%), Xenofonte (1 = 0,50%).

Imagem 4: percentual de autores gregos em requerimentos positivos (BA).



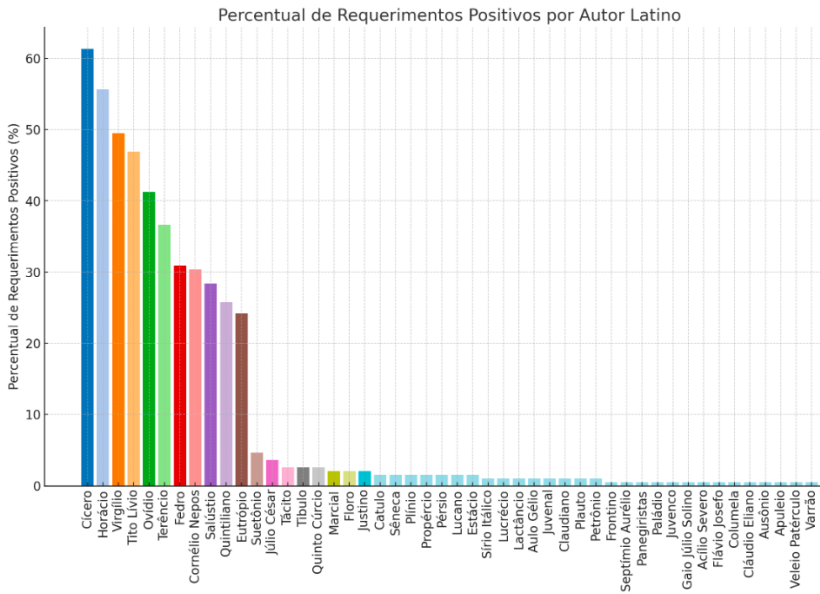
Fonte: acervo dos autores.

194 requerimentos contendo nomes de autores latinos (97%): Acílio Severo (1 = 0,52%), Apuleio (1 = 0,52%), Aulo Gélíio (2 = 1,03%), Ausônio (1 = 0,52%), Catão (1 = 0,52%), Catulo (3 = 1,55%), Cícero (119 = 61,34%), Claudiano (2 = 1,03%), Cláudio Eliano (1 = 0,52%), Columela (1 = 0,52%), Cornélio Nepos (59 = 30,41%), Estácio (3 = 1,55%), Eutrópio (47 = 24,23%), Fedro (60 = 30,93%), Flávio Josefo (1 = 0,52%), Floro (4 = 2,06%), Frontino (1 = 0,52%), Gaio Júlio Solino (1 = 0,52), Horácio (108 = 55,67%), Júlio César (7 = 3,61%), Justino



(4 = 2,06%), Juvenal (2 = 1,03%), Juvenco (1 = 0,52%), Lactância (2 = 1,03%), Lucano (3 = 1,55%), Lucrécio (2 = 1,03%), Manílio (1 = 0,52%), Marcial (4 = 2,06%), Ovídio (80 = 41,23%), Paládio (1 = 0,52%), panegiristas (1 = 0,52%), Pérsio (3 = 1,55%), Petrônio (2 = 1,03%), Plauto (2 = 1,03%), Plínio (3 = 1,55%), Propércio (3 = 1,55%), Quintiliano (50 = 25,77%), Quinto Cúrcio (5 = 2,58%), Salústio (55 = 28,35%), Sêneca (3 = 1,55%), Septímio Aurélio (1 = 0,52%), Sírío Itálico (2 = 1,03%), Suetônio (9 = 4,64%), Sulpício (2 = 1,03%), Tácito (5 = 2,58%), Terêncio (71 = 36,60%), Tibulo (5 = 2,58%), Tito Lívio (91 = 46,91%), Varrão (1 = 0,52%), Valério Flaco (1 = 0,52%), Veleio Patérculo (2 = 1,03), Virgílio (96 = 49,48%), Vitrúvio (3 = 1,55%).

Imagem 5: percentual de autores latinos em requerimentos positivos (BA).



Fonte: acervo dos autores.

CAPITANIA RIO NEGRO

Datas-limite da documentação: 01 jan. 1803 – 31 dez. 1803.

1 requerimento no total.

0 requerimentos positivos (0%).

CEARÁ

Datas-limite da documentação: 01 jan. 1799 – 31 dez. 1820.

19 requerimentos no total.

7 requerimentos positivos (36,84%).

2 requerimentos contendo nomes de autores gregos (28,57%): Esopo (2 = 28,57%).

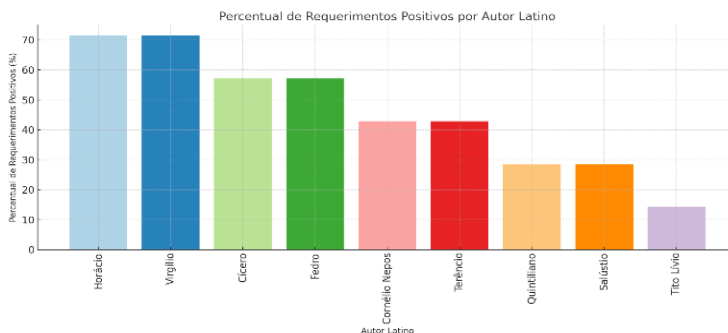
Imagem 6: percentual de autores gregos em requerimentos positivos (CE).



Fonte: acervo dos autores.

6 requerimentos contendo nomes de autores latinos (85,71%): Cícero (4 = 57,14%), Cornélio Nepos (3 = 42,86%), Fedro (4 = 57,14%), Horácio (5 = 71,43%), Quintiliano (2 = 28,57%), Salústio (2 = 28,57%), Terêncio (3 = 42,86%), Tito Lívio (1 = 14,29%), Virgílio (5 = 71,43%).

Imagem 7: percentual de autores latinos em requerimentos positivos (CE).



Fonte: acervo dos autores.

ESPÍRITO SANTO

Datas-limite da documentação: 01 jan. 1802 – 31 dez. 1802.

1 requerimentos no total.

0 requerimentos positivos (0%).

GOIÁS

Datas-limite da documentação: 01 jan. 1796 – 31 dez. 1796.

1 requerimentos no total.

0 requerimentos positivos (0%).

MARANHÃO

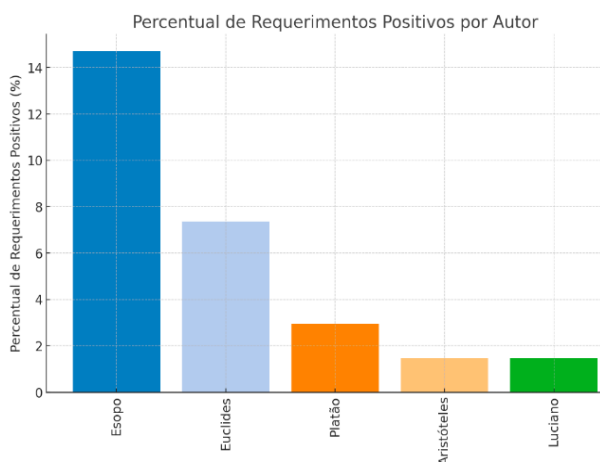
Datas-limite da documentação: 04 set. 1773 – 30 maio 1826.

324 requerimentos no total.

68 requerimentos positivos (29,98%).

22 requerimentos contendo nomes de autores gregos (32,35%): Aristóteles (1 = 1,47%), Esopo (10 = 14,71%), Euclides (5 = 7,35%), Luciano (1 = 1,47%), Platão (2 = 2,94%).

Imagem 8: percentual de autores gregos em requerimentos positivos (MA).



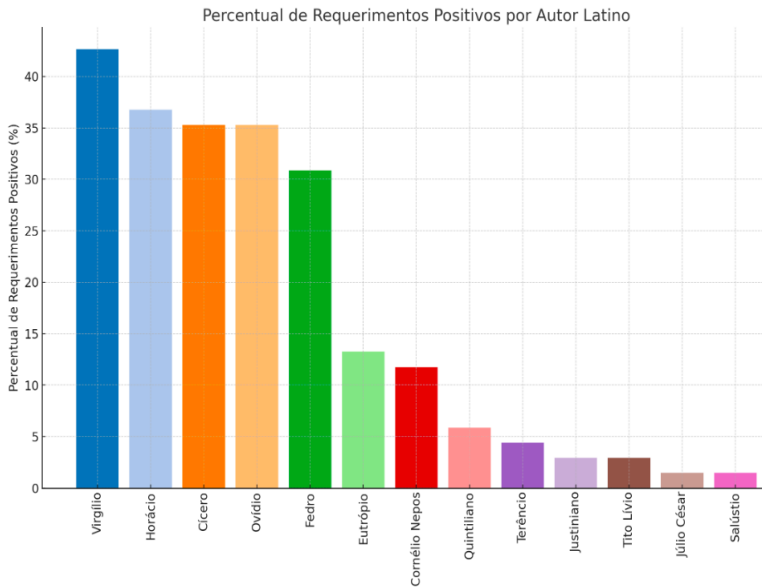
Fonte: acervo dos autores.

57 requerimentos contendo nomes de autores latinos (83,82%): Cícero (24 = 35,29%), Cornélio Nepos (8 = 11,76%), Eutrópio (9 =



13,24%), Fedro (21 = 30,88%), Horácio (25 = 36,76%), Júlio César (1 = 1,47%), Justiniano (2 = 2,94%), Ovídio (24 = 35,29%), Quintiliano (4 = 5,88%), Salústio (1 = 1,47%), Terêncio (3 = 4,41%), Tito Lívio (2 = 2,94%), Virgílio (29 = 42,65%).

Imagem 9: percentual de autores latinos em requerimentos positivos (MA).



Fonte: acervo dos autores.

MATO GROSSO

Datas-limite da documentação: 01 jan. 1796 – 31 dez. 1803.

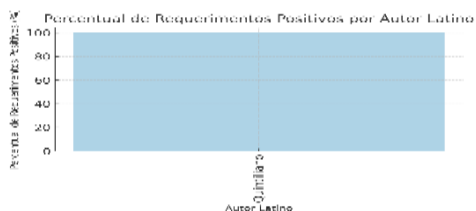
1 requerimento no total.

1 requerimento positivo (100%).

0 requerimento contendo nomes de autores gregos (0%).

1 requerimento contendo nomes de autores latinos (100%): Quintiliano (1 = 100%).

Imagem 10: percentual de autores latinos em requerimentos positivos (MT).



Fonte: acervo dos autores.

MINAS GERAIS

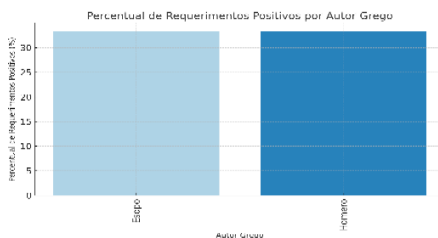
Datas-limite da documentação: 19 set. 1795 – 22 dez. 1826.

7 requerimentos no total.

3 requerimentos positivos (42,86%).

2 requerimentos contendo nomes de autores gregos (66,67%): Esopo (1 = 33,33%), Homero (1 = 33,33%).

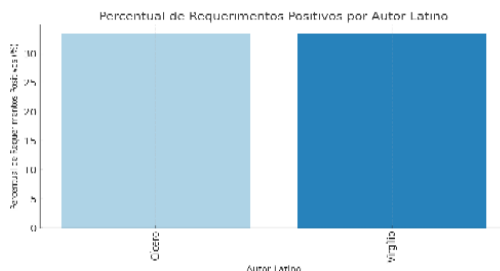
Imagem 11: percentual de autores gregos em requerimentos positivos (MG).



Fonte: acervo dos autores.

1 requerimento contendo nomes de autores latinos (33,33%): Cícero (1 = 33,33%), Virgílio (1 = 33,33%).

Imagem 12: percentual de autores latinos em requerimentos positivos (MG).



Fonte: acervo dos autores.

PARÁ

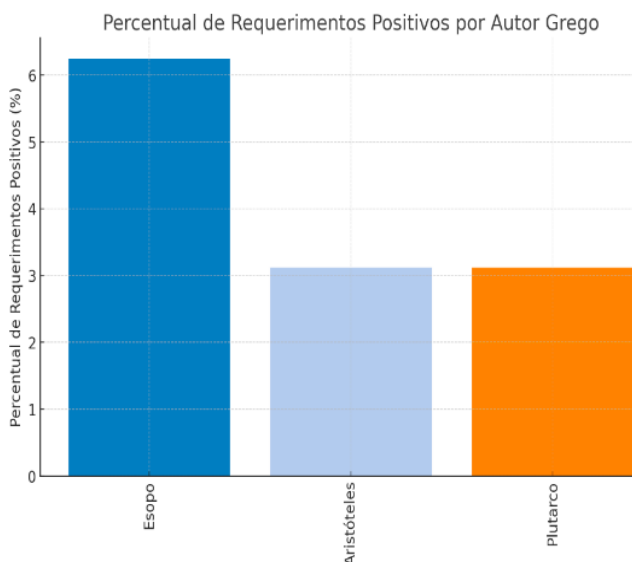
Datas-limite da documentação: 02 dez. 1790 – 22 ago. 1826.

164 requerimentos no total.

32 requerimentos positivos (19,51%).

4 requerimentos contendo nomes de autores gregos (12%): Aristóteles (1 = 3,12%), Esopo (2 = 6,25%), Plutarco (1 = 3,12%).

Imagem 13: percentual de autores gregos em requerimentos positivos (PA).

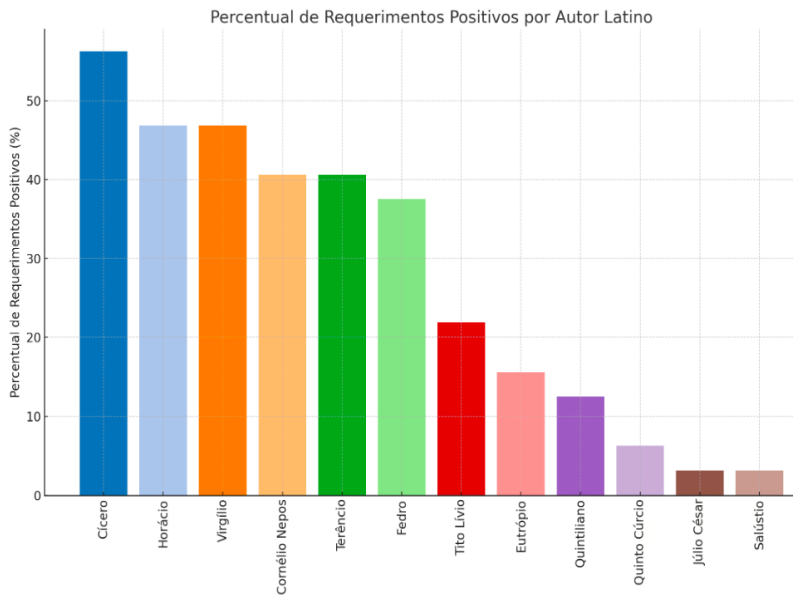


Fonte: acervo dos autores.

30 requerimentos contendo nomes de autores latinos (93,75%): Cícero (18 = 56,25%), Cornélio Nepos (13 = 40,62%), Eutrópio (5 = 15,62%), Fedro (12 = 37,5%), Horácio (15 = 46,87%), Júlio César (1 = 3,12%), Quintiliano (4 = 12,5%), Quinto Cúrcio (2 = 6,25%), Salústio (1 = 3,12%), Terêncio (13 = 40,62%), Tito Lívio (7 = 21,87%) e Virgílio (15 = 46,87%).



Imagem 14: percentual de autores latinos em requerimentos positivos (PA).



Fonte: acervo dos autores.

PARAÍBA

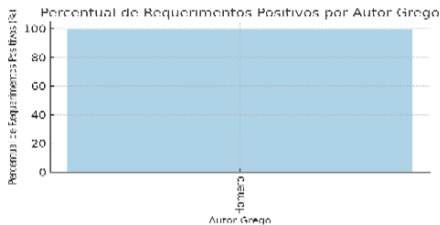
Datas-limite da documentação: 10 dez. 1769 – 23 dez. 1826.

7 requerimentos no total.

1 requerimento positivo (14,29%).

1 requerimento contendo nomes de autores gregos (100%): Homero (1 = 100%).

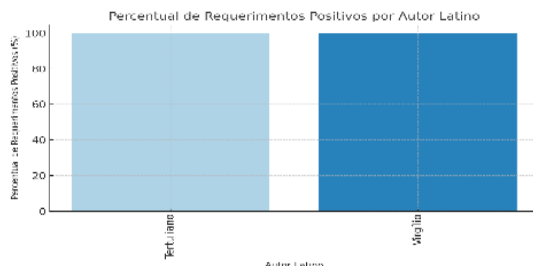
Imagem 15: percentual de autores gregos em requerimentos positivos (PB).



Fonte: acervo dos autores.

1 requerimento contendo nomes de autores latinos (100%): Tertuliano (1 = 100%), Virgílio (1 = 100%).

Imagem 16: percentual de autores latinos em requerimentos positivos (PB).



Fonte: acervo dos autores.

PERNAMBUCO

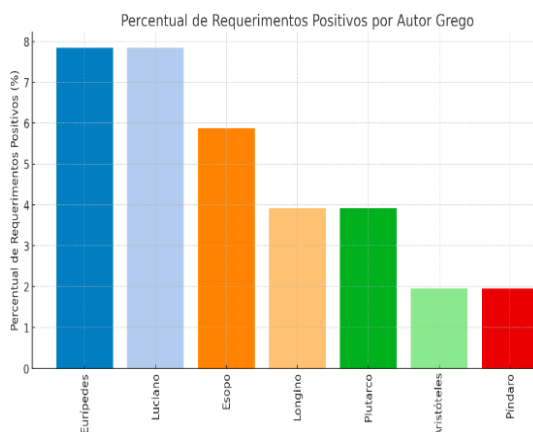
Datas-limite da documentação: 02 jun. 1769 – 26 nov. 1808.

193 requerimentos no total.

51 requerimentos positivos (26,42%).

13 requerimentos contendo nomes de autores gregos (25,49%): Aristóteles (1 = 1,96%), Esopo (3 = 5,88%), Eurípedes (4 = 7,84%), Longino (2 = 3,92%), Luciano (4 = 7,84%), Píndaro (1 = 1,96%) e Plutarco (2 = 3,92%).

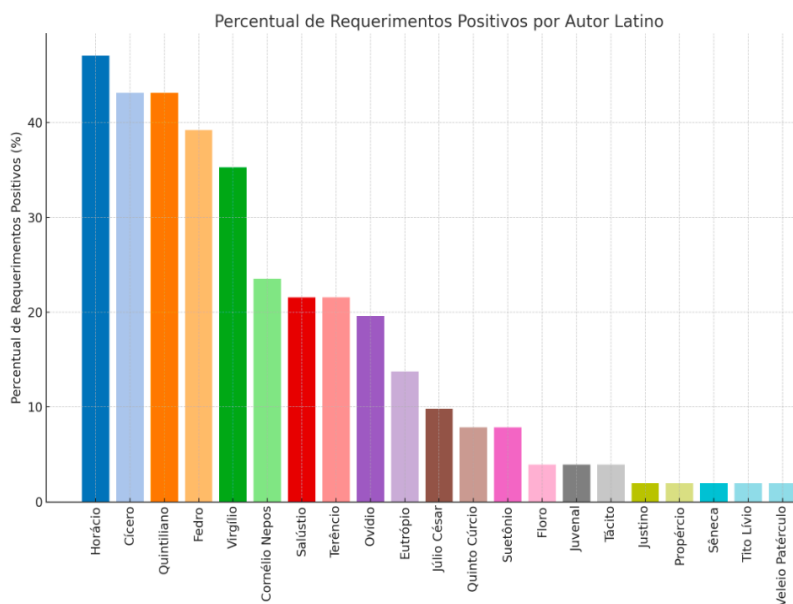
Imagem 17: percentual de autores gregos em requerimentos positivos (PE).



Fonte: acervo dos autores.

46 requerimentos contendo nomes de autores latinos (90,19%): Cícero (22 = 43,14%), Cornélio Nepos (12 = 23,53%), Eutrópio (7 = 13,73%), Fedro (20 = 39,22%), Floro (2 = 3,92%), Horácio (24 = 47,06%), Júlio César (5 = 9,80%), Justino (1 = 1,96%), Juvenal (2 = 3,92%), Ovídio (10 = 19,61%), Propércio (1 = 1,96%), Quintiliano (22 = 43,13%), Quinto Cúrcio (4 = 7,84%), Salústio (11 = 21,57%), Sêneca (1 = 1,96%), Suetônio (4 = 7,84%), Tácito (2 = 3,92%), Terêncio (11 = 21,57%), Tito Lívio (1 = 1,96%), Veleio Patérculo (1 = 1,96%), Virgílio (18 = 35,29%).

Imagem 18: percentual de autores latinos em requerimentos positivos (PE).



Fonte: acervo dos autores.

PIAUI

Datas-limite da documentação: 01 jan. 1821 – 31 dez. 1821.

1 requerimento no total.

0 requerimentos positivos (0%).

RIO DE JANEIRO

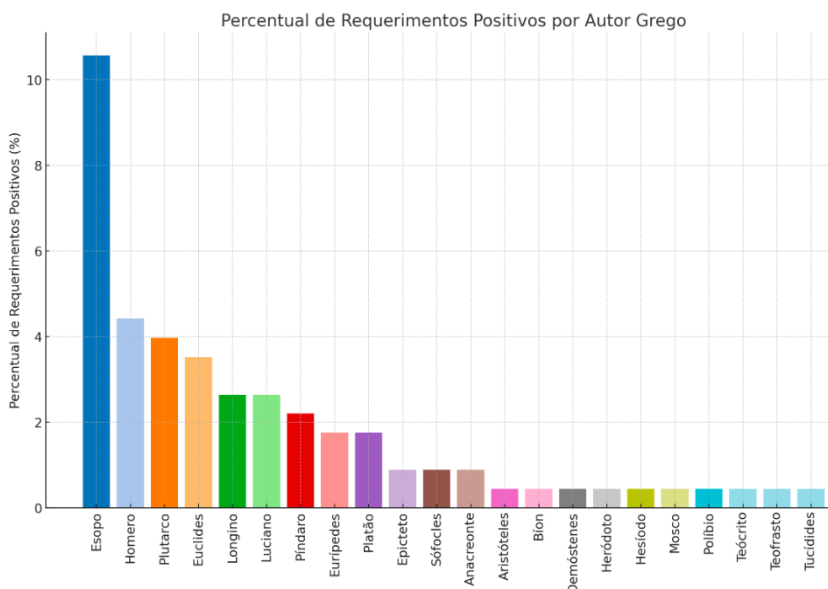
Datas-limite da documentação: 10 dez. 1769 – 23 dez. 1826.

867 requerimentos no total.

227 requerimentos positivos (26,18%).

71 requerimentos contendo nomes de autores gregos (31,27%): Anacreonte (2 = 0,88%), Aristóteles (1 = 0,44%), Bión (1 = 0,44%), Demóstenes (1 = 0,44%), Epicteto (2 = 0,88%), Esopo (24 = 10,57%), Euclides (8 = 3,52%), Eurípedes (4 = 1,76%), Heródoto (1 = 0,44%), Hesíodo (1 = 0,44%), Homero (10 = 4,41%), Longino (6 = 2,64%), Luciano (6 = 2,64%), Mosco (1 = 0,44%), Píndaro (5 = 2,20%), Platão (4 = 1,76%), Plutarco (9 = 3,96%), Políbio (1 = 0,44%), Sófocles (2 = 0,88%), Teócrito (1 = 0,44%), Teofrasto (1 = 0,44%), Tucídides (1 = 0,44%).

Imagem 19: percentual de autores gregos em requerimentos positivos (RJ).



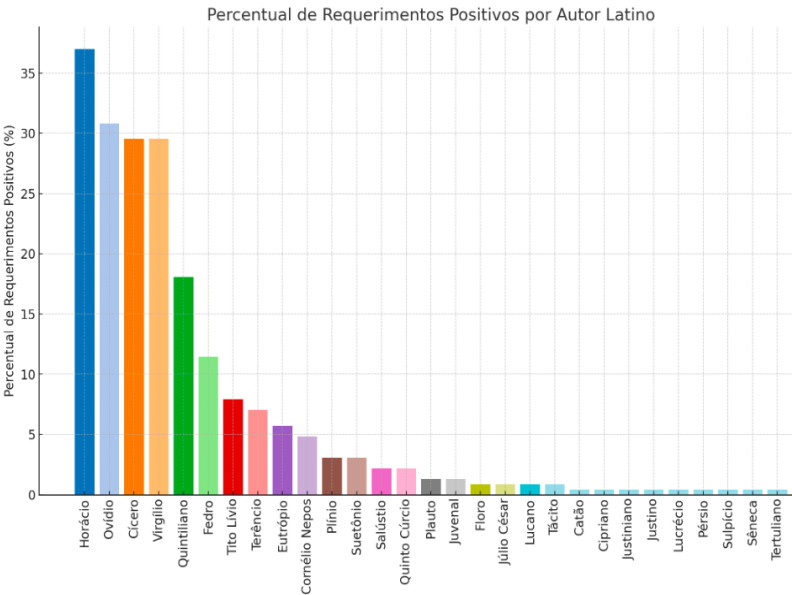
Fonte: acervo dos autores.

196 requerimentos contendo nomes de autores latinos (86,34%): Catão (1 = 0,44%), Cícero (67 = 29,52%), Cipriano (1 = 0,44%), Cornélio Nepos (11 = 4,85%), Eutrópio (13 = 5,73%), Fedro (26 = 11,45%), Floro



(2 = 0,88%), Horácio (84 = 37%), Júlio César (2 = 0,88%), Justiniano (1 = 0,44%), Justino (1 = 0,44%), Juvenal (3 = 1,32%), Lucano (2 = 0,88%), Lucrécio (1 = 0,44%), Ovídio (70 = 30,84%), Pérsio (1 = 0,44%), Plauto (3 = 1,32%), Plínio (7 = 3,08%), Quintiliano (41 = 18,06%), Quinto Cúrcio (5 = 2,20%), Salústio (5 = 2,20%), Sulpício (1 = 0,44%), Sêneca (1 = 0,44%), Suetônio (7 = 3,08%), Tácito (2 = 0,88%), Terêncio (16 = 7,05%), Tertuliano (1 = 0,44%), Tito Lívio (18 = 7,93%), Virgílio (67 = 29,52%).

Imagem 20: percentual de autores latinos em requerimentos positivos (RJ).



Fonte: acervo dos autores.

RIO GRANDE

Datas-limite da documentação: 01 jan. 1799 – 31 dez. 1816.

1 requerimento no total.

0 requerimentos positivos (0%).

SÃO PAULO

Datas-limite da documentação: 1 jan. 1796 – 31 dez. 1819.

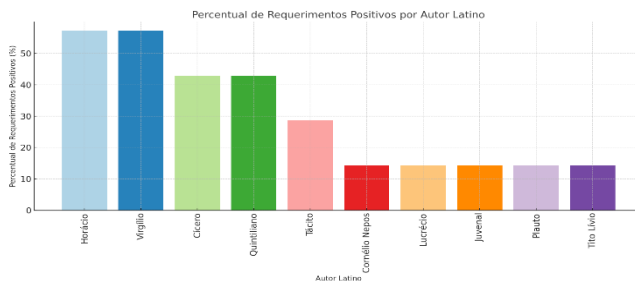
28 requerimentos no total.

6 requerimentos positivos (21,43%).

0 requerimentos contendo nomes de autores gregos (0%).

6 requerimentos contendo nomes de autores latinos (100%): Cícero (3 = 42,86%), Cornélio Nepos (1 = 14,29%), Horácio (4 = 57,14%), Lucrécio (1 = 14,29%), Juvenal (1 = 14,29%), Plauto (1 = 14,29%), Quintiliano (3 = 42,86%), Tácito (2 = 28,57%), Tito Lívio (1 = 14,29%), Virgílio (4 = 57,14%).

Imagem 21: percentual de autores latinos em requerimentos positivos (SP).



Fonte: acervo dos autores.

LUGARES NÃO ESPECIFICADOS

Datas-limite da documentação: 1 jan. 1795 – 22 dez. 1826.

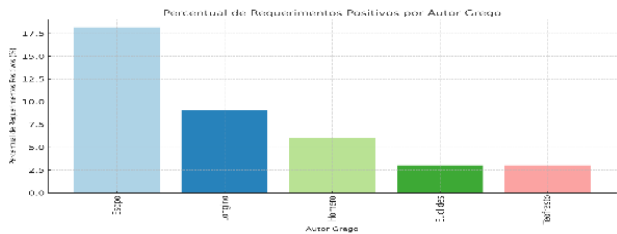
126 requerimentos no total.

33 requerimentos positivos (26,19%).

12 requerimentos contendo nomes de autores gregos (36,36%): Esopo (6 = 18,18%), Euclides (1 = 3,03%), Homero (2 = 6,06%), Longino (3 = 9,09%), Teofrasto (1 = 3,03%).



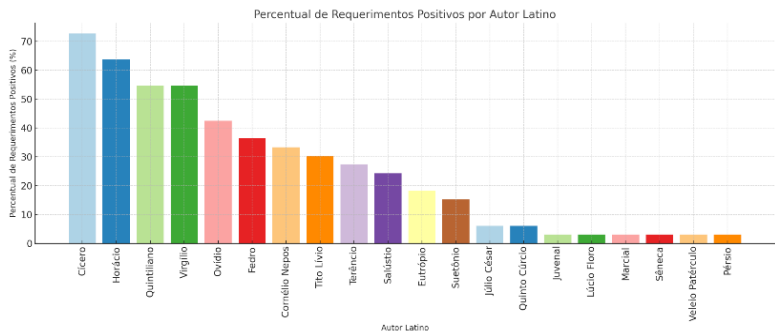
Imagem 22: percentual de autores gregos em requerimentos positivos (Lugares não Específicos).



Fonte: acervo dos autores.

30 requerimentos contendo nomes de autores latinos (90,91%): Cícero (24 = 72,73%), Cornélio Nepos (11 = 33,33%), Eutrópio (6 = 18,18%), Fedro (12 = 36,36%), Horácio (21 = 63,64%), Júlio César (2 = 6,06%), Juvenal (1 = 3,03%), Lúcio Floro (1 = 3,03%), Marcial (1 = 3,03%), Ovídio (14 = 42,42%), Pérsio (1 = 3,03%), Quintiliano (18 = 54,55%), Quinto Cúrcio (2 = 6,06%), Salústio (8 = 24,24%), Sêneca (1 = 3,03%), Suetônio (5 = 15,15%), Terêncio (9 = 27,27%), Tito Lívio (10 = 30,30%), Veleio Patérculo (1 = 3,03%), Virgílio (18 = 54,55%).

Imagem 23: percentual de autores latinos em requerimentos positivos (Lugares não Específicos).



Fonte: acervo dos autores.



4 Considerações Finais

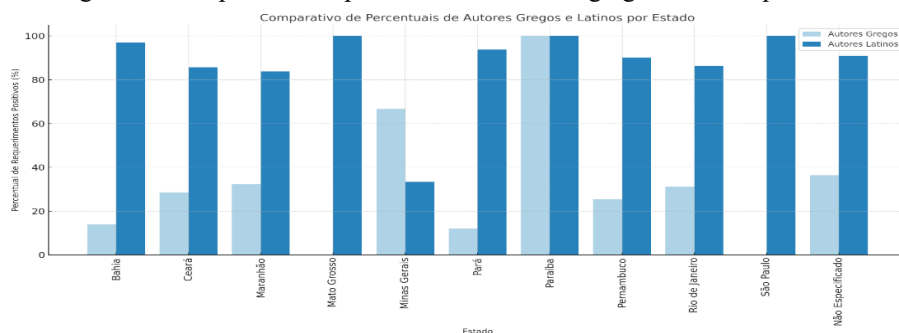
Como observamos anteriormente, os modelos propostos por Moretti e utilizados neste artigo não oferecem interpretações conclusivas por si mesmos, mas podem servir de instrumentos heurísticos para melhor visualizarmos relações e propormos hipóteses. Embora nossa pesquisa ainda seja incipiente, é possível, a partir dos dados coletados, tecermos algumas considerações finais. No entanto, ratificamos a importância da busca por informações adicionais, especialmente dos catálogos de bibliotecas particulares. Futuras análises e interpretações desses dados permitirão uma exploração mais profunda das questões relacionadas à materialidade do livro, às práticas de leitura e às dinâmicas sociais e culturais que moldaram a recepção dos autores gregos e latinos no contexto do Brasil colonial.

Feitas as devidas ressalvas, iniciamos nossas considerações finais com a constatação de que, no total dos requerimentos de envio de livros para o Brasil, há a predominância expressiva de autores latinos em detrimento dos gregos, exceção apenas para Minas Gerais (predominância de gregos) e Paraíba (equilíbrio entre gregos e latinos):

- **Total dos estados:** 155 requerimentos contendo nomes de autores gregos (24,60%) X 570 requerimentos contendo nomes de autores latinos (90,48%);
- **Bahia:** 29 requerimentos contendo nomes de autores gregos (14%) X 194 requerimentos contendo nomes de autores latinos (97%);
- **Ceará:** 2 requerimentos contendo nomes de autores gregos (28,57%) X 6 requerimentos contendo nomes de autores latinos (85,71%);
- **Maranhão:** 22 requerimentos contendo nomes de autores gregos (32,35%) X 57 requerimentos contendo nomes de autores latinos (83,82%);
- **Mato Grosso:** 0 requerimento contendo nomes de autores gregos (0%) X 1 requerimento contendo nomes de autores latinos (100%);

- **Minas Gerais:** 2 requerimentos contendo nomes de autores gregos (66,67%) X 1 requerimento contendo nomes de autores latinos (33,33%);
- **Pará:** 4 requerimentos contendo nomes de autores gregos (12%) X 30 requerimentos contendo nomes de autores latinos (93,75%);
- **Paraíba:** 1 requerimento contendo nomes de autores gregos (100%) X 1 requerimento contendo nomes de autores latinos (100%);
- **Pernambuco:** 13 requerimentos contendo nomes de autores gregos (25,49%) X 46 requerimentos contendo nomes de autores latinos (90,19%);
- **Rio de Janeiro:** 71 requerimentos contendo nomes de autores gregos (31,27%) X 196 requerimentos contendo nomes de autores latinos (86,34%);
- **São Paulo:** 0 requerimento contendo nomes de autores gregos (0%) X 6 requerimentos contendo nomes de autores latinos (100%);
- **Lugares Não Especificados:** 12 requerimentos contendo nomes de autores gregos (36,36%) X 30 requerimentos contendo nomes de autores latinos (90,91%).

Imagem 24: comparativo de percentuais de autores gregos e latinos por estado.



Fonte: acervo dos autores.

Entretanto, a comparação de resultados entre o total dos estados e cada um deles em particular revela nuances importantes. As diferenças observadas nos requerimentos de envio de livros indicam variações regionais significativas que podem refletir particularidades socioeconômicas, educacionais e culturais de cada localidade. No total



dos requerimentos, apenas 24,60% deles trazem nomes de autores gregos, enquanto 90,48% mencionam autores latinos, uma diferença de 66 pontos percentuais. Essa diferença, porém, fica mais ou menos acentuada, a depender do estado, como veremos a seguir, exceto os estados do Espírito Santo, Goiás, Piauí, Mato Grosso, São Paulo, Rio Grande e a Capitania Rio Negro, que não apresentam nomes de autores gregos:

- Bahia: 83 pontos percentuais;
- Ceará: 57 pontos percentuais;
- Maranhão: 51 pontos percentuais;
- Minas Gerais: -33 pontos percentuais;¹³
- Pará: 81,75 pontos percentuais;
- Pernambuco: 64 pontos percentuais;
- Rio de Janeiro: 55 pontos percentuais;
- São Paulo: 100 pontos percentuais;
- Lugares não especificados: 54 pontos percentuais.

Fenômeno análogo verifica-se na comparação entre resultados de percentuais de autores, tanto gregos quanto latinos, do total dos requerimentos e de cada estado em particular. À guisa de exemplo, os cinco autores gregos mais mencionados em requerimentos positivos no total dos requerimentos são: 1) Esopo (9,21%), 2) Homero (7,14%), 3) Euclides (2,38%), 4) Longino (2,38%) e 5) Plutarco (2,22%). No entanto, observados os resultados de cada estado, não apenas essa ordem se modifica, bem como alguns nomes de autores se ausentam.

- Esopo: 1ª posição no total dos requerimentos, no Maranhão, Pará, Rio de Janeiro e Lugares não especificados; 2ª na Bahia; 3ª em Pernambuco; o único autor grego no Ceará; ausente na Paraíba;
- Homero: 1ª posição na Bahia; 2ª no total dos requerimentos e no Rio de Janeiro; 3ª em Lugares não especificados; ausente no Ceará, Maranhão, Pará e Pernambuco; o único autor grego na Paraíba;

¹³ Como observamos, Minas Gerais é o único estado em que o número de requerimentos com nomes de autores gregos é maior do que o de autores latinos.



- Euclides: 2ª posição no Maranhão; 3ª posição no total dos requerimentos; 4ª no Rio de Janeiro; 11ª na Bahia; ausente no Ceará, Pará e Pernambuco;
- Longino: 2ª posição em lugares não especificados; 3ª no total dos requerimentos (com a mesma quantidade de Euclides) e na Bahia; 4ª em Pernambuco; 5ª no Rio de Janeiro; ausente no Ceará, Maranhão, Paraíba, Minas Gerais e Pará;
- Plutarco: 5ª posição na Bahia; 4ª no total dos requerimentos e em Pernambuco; 3ª no Rio de Janeiro; ausente no Ceará, no Maranhão, Minas Gerais, Paraíba e Lugares não especificados.

Tal fenômeno ocorre também com os autores latinos. No total dos requerimentos, os primeiros cinco autores mais mencionados em requerimentos positivos são: 1) Horácio (45,24%), 2) Cícero (43,65%), 3) Virgílio (40,16%), 4) Ovídio (31,43%) e 5) Fedro (24,60%). Comparados esses resultados com os de cada estado em particular, com exceção do Espírito Santo, Goiás, Piauí, Rio Grande e Capitania Rio Negro, que não apresentam nomes de autores latinos:

- Horácio: 1ª posição no total dos requerimentos, no Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Lugares não especificados; 2ª na Bahia, Maranhão e Pará; ausente em Mato Grosso, Minas Gerais e Paraíba;
- Cícero: 1ª posição na Bahia e Pará; 2ª no total dos requerimentos, Ceará, Pernambuco, São Paulo e Lugares não específicos; 3ª no Maranhão e Rio de Janeiro; ausente em Mato Grosso e Paraíba;
- Virgílio: 1ª posição no Ceará (com a mesma quantidade de Horácio), Maranhão e São Paulo (com a mesma quantidade de Horácio); 3ª no total dos requerimentos, na Bahia e Pará; 4ª posição no Rio de Janeiro e Lugares não especificados; 5ª em Pernambuco; ausente em Mato Grosso;
- Ovídio: 2ª posição no Rio de Janeiro; 4ª no total dos cinco estados e no Maranhão; 5ª na Bahia e Lugares não especificados; 9ª em Pernambuco; ausente no Pará; ausente no Ceará, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraíba e São Paulo;



- Fedro: 4ª posição em Pernambuco; 5ª posição no total dos cinco estados e no Maranhão; 6ª no Rio de Janeiro e Pará; 7ª na Bahia.

Outro fenômeno que merece destaque é o fato de que alguns nomes de autores gregos e latinos ocorrem uma única vez na documentação. Entre os gregos, encontram-se nessa situação: Bion, Dioniso de Halicarnasso, Ésquines, Heródoto, Hesíodo, Hipócrates, Jâmblico, Licurgo, Lysias, Mosco, Políbio, Safo, Tucídides, Xenofonte. Com relação aos latinos, mencionamos: Acílio Severo, Apuleio, Ausônio, Cipriano, Cláudio Eliano, Columela, Flávio Josefo, Frontino, Gaio Júlio Solino, Juvenco, Manílio, Marcial, Paládio, panegiristas, Septímio Aurélio, Varrão, Valério Flaco e Veleio Paterculo. Esses nomes aparecem, em geral, em requerimentos de pessoas que pedem autorização para transportar suas bibliotecas particulares para o Brasil, a exemplo do professor de geometria Antonio Ferreira França e do padre Francisco Agostinho Gomes, que saíram de Portugal em 1799.

Em síntese, a observância desses primeiros fenômenos mais evidentes *prima facie* já nos revela um panorama complexo de difusão de autores gregos e latinos no Brasil colonial. Se, por um lado, a interpretação dos dados deverá levar em consideração o contexto histórico-cultural-educacional do Brasil no período compreendido pela documentação, por outro, não poderá negligenciar o contexto de cada localidade em particular e as pessoas envolvidas nos transportes dos livros, uma vez que a presença do nome de determinados autores nos requerimentos pode estar relacionada a gostos, ideologias, atuação profissional ou demais fatores pessoais. Em outras palavras, a documentação até agora observada nos alerta para a necessidade de estarmos sempre atentos aos agentes de difusão dos autores em tela e às peculiaridades de cada localidade do Brasil, a fim de evitarmos interpretações generalizantes baseadas somente em ideais e legislação relativas às instituições educacionais da época.



REFERÊNCIAS

ABECASIS, Maria Isabel Braga. A Real Mesa Censória e a edição setecentista portuguesa. 2009. Dissertação (Mestrado em Edição de Texto) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/10481787/The_Real_Mesa_Cens%C3%B3ria_and_the_Portuguese_18th_century_edition. Acesso em: 25 jun. 2024.

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. São Paulo: Mercado das Letras: ALB: FAPESP, 2003.

CHARTIER, Roger. *Forms and Meanings: Texts, Performances, and Audiences from Codex to Computer*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995.

CNPQ. *Núcleo de Estudos Clássicos da Fundação Biblioteca Nacional*, 2025. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/765880>. Acesso em: 07 dez. 2025

EISENSTEIN, Elizabeth L. *The Printing Revolution in Early Modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *L'Apparition du Livre*. Paris: Albin Michel, 1958.

JOHNS, Adrian. *The Nature of the Book: Print and Knowledge in the Making*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

MARTINS, Maria Tereza Esteves Payan. A censura literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Portuguesa, especialidade História do Livro) – Universidade Nova de Lisboa, 2001. Disponível em: <https://koha.uma.pt/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=21765>. Acesso em: 30 jun. 2024.

MCKENZIE, Donald. *Bibliography and the Sociology of Texts*. London: British Library, 1986.

MORETTI, Franco. *Graphs, maps, trees: Abstract Models for Literary History*. London: Verso, 2005.

MORETTI, Franco. *Distant Reading*. London: Verso, 2013.

REAL MESA CENSÓRIA; PORTUGAL. *Requerimentos para obtenção de licença de envio de livros para Brasil*. Disponível em: <https://digitarq.>



arquivos.pt/details?id=4311313#:~:text=A%20Real%20Mesa%20Cens%C3%B3ria%20foi,do%20Pa%C3%A7o%20e%20do%20Ordin%C3%A1rio. Acesso em: 07 dez. 2025.

RODRIGUES, Graça Almeida. *Breve história da censura literária em Portugal*. Amadora: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa: Ministério da Educação e Ciência de Portugal, 1980.

VIANNA, Máira Moraes dos Santos Villares. *Censores em cena: atores dentro da Mesa do Desembargo do Paço na Corte Joanina*. 2019. Dissertação (Mestrado em História Política) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/17915>. Acesso em: 25 jun. 2024.

VILLALTA, Luiz Carlos. *Reformismo ilustrado, censura, e práticas de leitura: usos do livro na América Portuguesa*. 1999. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14122009-115825/pt-br.php>. Acesso em: 25 jun. 2024.